



**“ÉRAMOS 9 GAYS, 20 POLICIAIS E A IMPRENSA LOCAL”:  
NARRATIVAS (DE) MILITANTES SOBRE AS PARADAS DO ORGULHO  
LGBT EM GOIÁS**

Camilo Braz<sup>1</sup>

Luiz Mello<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste trabalho, interpretamos algumas narrativas de ativistas do movimento LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) goiano sobre as Paradas Do Orgulho que ocorrem em Goiânia desde 1996 e, em cidades do interior, desde a primeira metade dos anos 2000. Nosso intuito é trazer elementos empíricos a fim de problematizar a já conhecida dicotomia entre “festa” e “política”, que é central nas discussões sobre tais eventos, que desde meados dos anos 1990 ocorrem em várias regiões do país, a partir da reinvenção de uma tradição originalmente iniciada nos EUA.

**Palavras-chave:** Movimento LGBT; Paradas do Orgulho; Goiás.

**Introdução - breves notas sobre o movimento LGBT em Goiás**

A pesquisa que dá base a este trabalho buscou interpretar as dinâmicas do surgimento do movimento LGBT no estado de Goiás<sup>3</sup>. Partiu de levantamento

---

<sup>1</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) e pesquisador do Ser-Tão – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade, da Universidade Federal de Goiás (UFG). [camilobraz@gmail.com](mailto:camilobraz@gmail.com).

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) e pesquisador do Ser-Tão – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade, da Universidade Federal de Goiás (UFG). [luizman@gmail.com](mailto:luizman@gmail.com).

<sup>3</sup> Trata-se da investigação *Movimentos sociais, direitos humanos e cidadania: um estudo sobre o movimento LGBT em Goiás*, realizada pelo Ser-Tão, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás – Fapeg. A investigação, coordenada pelos professores Camilo Braz e Luiz Mello, integrou outra mais ampla, intitulada *Memória da luta em direitos humanos em Goiás*, da Rede de Pesquisa *Diversidade, direitos humanos e cidadania*.

documental<sup>4</sup> e de entrevistas com ativistas e, em menor medida, pesquisadores/as e parlamentares. Um grupo de 26 pessoas foi entrevistado, algumas delas mais de uma vez, totalizando cerca de 40 horas de gravação<sup>5</sup>.

De saída, é possível afirmar que o movimento LGBT surge em Goiás em meados dos anos 1990, num contexto social e político diferente do final dos anos 1970 no Brasil, período conhecido como de abertura democrática e de aparecimento do então chamado Movimento Homossexual Brasileiro, inicialmente em São Paulo, politicamente estruturado em oposição ao Estado, tendo como bandeira de luta principal a conquista de maior liberdade sexual e visibilidade/aceitação social da homossexualidade (MACRAE, 1990; SIMÕES e FACCHINI, 2009). Ainda na década de 1980, houve em Goiás uma primeira tentativa de formação de um grupo núcleo denominado Triângulo Rosa, constituído dentro do Partido dos Trabalhadores (PT). O grupo não avançou e não alcançou ou buscou institucionalização e não sabemos ao certo qual o período em que atuou (BRAZ, MELLO, PERILO e MAROJA, 2012 (no prelo).

Por outro lado, sabe-se que grande parte dos primeiros grupos de ativismo propriamente LGBT surge no Brasil no contexto da luta contra a aids, nos anos 1990 (FACCHINI, 2009). Em Goiânia, os grupos se formaram exatamente nesse contexto, e parte de suas estruturas e ações foram financiadas pelo Ministério da Saúde, como aconteceu com diversos grupos de outros estados brasileiros, apoiados em seu funcionamento pelo governo, muitas vezes por anos, tendo em vista a expressiva participação de organizações da sociedade civil nas ações de prevenção ao hiv-aids e de apoio aos doentes, financiadas pelo Programa Nacional de Aids, criado em 1986 (hoje Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais).

Assim, o contexto de surgimento do movimento LGBT em Goiás é o de enfrentamento da epidemia, de incipiente visibilidade dos estudos sobre

---

<sup>4</sup> Uma das dificuldades enfrentadas na pesquisa foi o acesso a documentos públicos que materializem a história do movimento LGBT goiano, muitos dos quais se perderam ao longo do tempo, especialmente em função da transitoriedade das sedes dos grupos e das fragilidades dos mecanismos de arquivamento e conservação. Nesse sentido, cabe mencionar o projeto que disponibilizou parte do acervo documental da ONG goiana Ipê Rosa, fruto de parceria entre esta, o Centro de Documentação e Arquivo (Cidarq) da UFG e o Ser-Tão. O material está disponível no seguinte endereço <http://acervo.cidarq.ufg.br/index.php/gpkcp:isad> [acesso em 14/04/12].

<sup>5</sup> A maior parte das entrevistas foi realizada entre março de 2009 e março de 2010 e algumas poucas em fevereiro de 2011. Além de Goiânia, os/as entrevistados/as residiam nas cidades de Anápolis, Ceres, Jataí, Quirinópolis, São Francisco e Caldas Novas.

homossexualidade nas universidades, de ampliação das representações de pessoas LGBT na mídia, de crescimento do mercado segmentado voltado a essa população e de estreitamento das relações entre o movimento LGBT e o Estado (BRAZ, MELLO et al, 2011; França, 2006). Tomando 1995 como marco, note-se que neste ano foi fundada a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), foi realizada a Conferência da International Lesbian, Gay, Bissexual, Trans and Intersex Association (ILGA), no Rio de Janeiro, bem como foi apresentado, pela então Deputada Marta Suplicy, o Projeto de Lei nº 1.151, que dispõe sobre a parceria civil registrada entre pessoas do mesmo sexo – uma das bandeiras de luta principais do movimento LGBT brasileiro ao longo de muitos anos.

O primeiro grupo formalmente constituído no estado de Goiás, como organização não-governamental (ONG) LGBT, foi a Associação Ipê Rosa, criada em 1995, a partir da qual surgiram outros grupos: a AGLT (Associação Goiana de Gays, Lésbicas e Travestis), criada em 1997, o GLG (Grupo Lésbico de Goiás), e a Astral (Associação de Travestis, Transexuais e Liberados de Goiás), criada em 2000. Neste mesmo ano, foi criado o Labris - Núcleo de Mulheres, no âmbito da Associação Ipê Rosa.

É preciso pontuar que a existência de divergências políticas e pessoais que levam a cisões e à criação de novos grupos não é exclusividade do movimento LGBT, tanto em Goiás quanto em outros estados, uma vez que é constitutivo de qualquer campo, no sentido atribuído por Bourdieu (1983), a existência de conflitos entre sujeitos diversos. Quando analisou a trajetória do grupo paulistano Somos, surgido em 1978 e considerado o primeiro grupo brasileiro em defesa dos direitos de lésbicas e gays, Edward MacRae (1990) já nos falava sobre os famosos “rachas” entre seus membros. Também se pode pensar que a criação de novos grupos pode ocorrer a partir de demandas identitárias específicas, como as que, no caso do movimento LGBT goiano, por exemplo, deram origem aos grupos Oxumaré – Direitos Humanos Negritude e Homossexualidade, em 2003, e Colcha de Retalhos – a UFG saindo do Armário, em 2005<sup>6</sup>. Já o grupo Lilases - Articulação Feminista Lésbica de Goiânia começou como um espaço de reflexão e atuação política de mulheres lésbicas e bissexuais dentro do

---

<sup>6</sup> Esta criação de grupos formados por ativistas negros/as e estudantes universitários/as também ocorre em outras partes do Brasil. Neste sentido, destaca-se a Rede Nacional de Negras e Negros Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (Rede Afro LGBT), fundada em 2005. Cabe ressaltar também a realização anual, desde 2003, do Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual (ENUDES), organizado por grupos universitários LGBT.

grupo Colcha de Retalhos, em 2007, e depois tornou-se autônomo, tendo reunido, por um período de aproximadamente dois anos, também mulheres oriundas de outros grupos. É relevante citar que parte significativa de suas integrantes havia passado por cursos de formação feminista oferecido pelo grupo Transas do Corpo, ONG feminista que atua desde a década de 1980 em Goiânia.

Cabem também, a título de contextualização, algumas considerações acerca do movimento LGBT em outras cidades do estado. Um dos primeiros grupos LGBT fundados no interior de Goiás foi a Sociedade Oásis, criada em 1999, em Anápolis. De acordo com os/as entrevistados/as, o grupo surgiu a partir do GAIA (Grupo de Apoio a Irmãos com Aids), que atuava na cidade ainda na década de 1980. A Sociedade Oásis mantinha, até a realização desta pesquisa, como foco principal de ação a prevenção ao hiv-aids e outras dst. Na cidade de Jataí, em 2001, foi fundada a Associação Jataiense de Direitos Humanos Nova Mente (AJDH), cujo foco principal de atuação também estava voltado à prevenção do hiv-aids e outras dst, muito embora o grupo tenha sido também responsável pela organização de eventos culturais, tais como o Miss Gay e a 1ª Parada do Orgulho de Jataí, em 2007. A Associação Arco-Íris, fundada em 2002 na cidade de Quirinópolis, foi responsável pela realização da 1ª e da 2ª Parada do Orgulho naquela cidade. Segundo uma ativista, numa época em que a população LGBT enfrentava “muita ditadura” na cidade, a fundação do grupo significou “uma vitória muito grande” do movimento local. Já o Grupo Identidade, surgido em 2009 em Ceres, foi fundado a partir do grupo Amor Livre, responsável pela organização da 1ª Parada do Orgulho LGBT da cidade em 2005, e que atuou durante certo tempo em parceria como o Grupo Amor e Vida, voltado à prevenção do hiv-aids e outras dst. Além desses grupos, cabe mencionar a Associação de Gays, Lésbicas, Simpatizantes e Transgêneros da Região das Águas Quentes (AGLST-RAQ), que inclui em seu escopo de atuação, dentre outros municípios, a cidade de Caldas Novas, tradicional pólo turístico do estado.

Assim como a AGLST-RAQ, outros grupos LGBT criados no interior de Goiás ganharam fôlego a partir do Projeto Somos. Apoiado financeiramente pelo Programa Nacional de Aids, o Somos passou a fomentar a criação de novos grupos LGBT desde 1999, em todas as regiões geográficas do Brasil, particularmente com o objetivo de estimular a prevenção à epidemia de hiv/aids por meio de ações da sociedade civil dirigidas a gays e outros hsh (homens que fazem sexo com homens), grupos que ainda hoje se encontram entre as vítimas prioritárias das contaminações. O projeto fez parte de uma iniciativa da Associação para a Saúde Integral e Cidadania da América Latina

(ASICAL), realizada no Brasil pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), por meio de grupos filiados que atuavam como Centros de Treinamento e Assessoria em todas as regiões do país. Em Goiás, o projeto foi realizado sob coordenação da AGLT.

### **Festa ou política... festa política?**

No Brasil, nós temos algo em torno de duzentas paradas no país inteiro. Então, assim, eu acho que é um salto muito grande. Porém, o meio LGBT tem que entender que uma parada não é simplesmente um trio elétrico tocando na rua, com um monte de gente dançando e olhando os boys em cima dos carros, não! A parada é uma, é um ato cívico, é um ato de protesto. (Ativista)

De acordo com Isadora Lins França (2006), a tradição das chamadas *Pride Parades* nasce nos Estados Unidos, ainda na década de 1970, estando relacionada com dinâmicas culturais e políticas promovidas por movimentos sociais de grande visibilidade desde o final dos anos 1960, tais como o feminista, o negro e o homossexual. Os eventos relacionados à celebração do Orgulho LGBT, denominados de “Paradas”, ganharam força no movimento social brasileiro em meados da década de 1990, “marcada como um período de reflorescimento e de muitas transformações nas dinâmicas internas do movimento e no seu contexto externo” (França, 2006: p. 80). Dentre essas transformações, a autora destaca a crescente influência de iniciativas do Estado, o fortalecimento do mercado segmentado a gays, lésbicas e “simpatizantes” (GLS) nos grandes centros urbanos e a atuação da mídia, como fatores importantes para a onda de visibilidade do movimento e da homossexualidade na década de 1990.

Eu acho que um momento marcante foi as Paradas, né, quando começou...que houve a manifestação na rua, que diz “nós existimos, estamos aqui, querendo ou não, não tem como mudar isso!” Tem direitos...temos deveres, mas também temos direitos, pagamos impostos. (Ativista).

Apesar de se perceber a dicotomia entre “festa” ou “política” (FRANÇA, 2006, JESUS, 2010) também nos discursos dos/as ativistas goianos, a maioria das pessoas entrevistadas em nossa pesquisa pontuou a importância das Paradas do Orgulho LGBT

e seu valor como instrumento de unificação do movimento LGBT em Goiás. E não apenas por isso, mas pelo destaque que as paradas proporcionam ao movimento e às suas demandas junto à mídia, bem como à população cujos direitos de cidadania se pretende reivindicar. Trata-se quase sempre, não se pode esquecer, de uma das maiores manifestações massivas em níveis locais, estaduais, regionais e nacional, que proporcionam grande visibilidade à reivindicação central de aceitação social da homossexualidade, da transexualidade e da travestilidade

Enquanto várias/os ativistas destacaram as Paradas como manifestações políticas fundamentais em seus municípios (às vezes com poucos milhares de habitantes), outras/os as criticaram pela suposta ênfase no caráter festivo dos eventos. Alguns/mas destacaram, contudo, a Parada de São Paulo, que desde 2005 consolidou-se como a de maior público no mundo, como um marco, pela grande visibilidade que esta consegue atingir na mídia.

#### **“9 gays, 20 policiais e a imprensa local”**



[Foto no jornal Cinco de Outubro, de julho/1996. Acervo Ipê Rosa]

No dia 28 de junho de 1996, fazendo memória de Stonewall<sup>7</sup>, ocorreu na Praça Cívica, em Goiânia, um ato público que muitos/as entrevistados/as consideraram como

---

<sup>7</sup> A celebração do dia 28 de junho como *Dia do Orgulho Gay* (e mais recentemente LGBT) reporta-se aos conflitos ocorridos em Nova Iorque, em 1969, quando lésbicas, gays, travestis e transexuais frequentadoras do bar Stonewall Inn e imediações resistiram a uma das sistemáticas batidas policiais no

sendo a “1ª Parada do Orgulho de Goiás”, embora não tenha recebido esse nome naquele momento. Não havia trios elétricos ou carros de som com nomes de boates ou bares. Nada da exuberância de travestis, drag-queens ou gogo-boys, que tanto chamam a atenção da mídia nesses eventos país afora. A manifestação contou, nas palavras de um entrevistado, apenas com a presença de “9 gays, 20 policiais e a imprensa local”, e foi articulada a partir da ação de integrantes da Associação Ipê Rosa e do Grupo Pela Vida, que atuava em prol de pessoas infectadas pelo vírus da aids. O evento consistiu em um abraço desses rapazes ao Monumento às Três Raças, localizado no centro desta que é a principal praça da capital goiana. Em destaque, uma bandeira com o triângulo rosa invertido, utilizado nos campos de concentração nazista para identificar e estigmatizar pessoas homossexuais.



[Foto no jornal Cinco de Outubro, de julho/1996. Acervo Ipê Rosa]

Pela reação do Estado, parecia que oitenta mil pessoas iam ocupar a Praça Cívica, iam desmontar o monumento das Três Raças. Só que não era nada disso, né? Eram só nove gays com um monte de panos coloridos. (Ativista).

---

local, numa luta campal que durou duas noites e dois dias (Fry e MacRae, 1985). A partir deste episódio, 28 de junho tornou-se marco do movimento LGBT internacional contemporâneo, comemorado com a realização de “paradas” em um número crescente de países, especialmente no mundo ocidental. Já as origens do *Dia de Combate à Homofobia* remontam a 1990, quando, em 17 de maio, a Assembléia Mundial da Saúde, órgão máximo da Organização Mundial da Saúde (OMS), decidiu excluir a homossexualidade da Classificação Internacional de Doenças.

Talvez seja interessante colocar tais narrativas em contexto. Em 1996, o Ipê Rosa tinha apenas um ano de existência. Nesse sentido, é possível afirmar que o processo de constituição das identidades LGBT como sujeito político era incipiente e que a atuação do primeiro grupo de militância apenas começava a se ampliar para além do âmbito estrito do combate ao hiv-aids – note-se que, mesmo assim, a única faixa trazida pelos ativistas era do Grupo Pela Vida de Goiânia. Tratava-se do início de um processo de “visibilidade positiva” em torno das homossexualidades na cidade, e que não estava sendo levado a cabo apenas pela sociedade civil organizada.

Dados preliminares de uma investigação<sup>8</sup> atualmente realizada pelo Ser-Tão, a respeito do surgimento do mercado de lazer noturno voltado para gays e lésbicas em Goiânia, apontam que os primeiros lugares de frequência “homossexual” da cidade remontam à década de 1970 e início dos anos 1980, em plena ditadura militar. Estava-se, ainda, longe de um contexto sócio-cultural de abertura e possibilidade da criação de uma “política de identidades” em torno das homossexualidades, capitaneada seja pelo movimento social, seja pelo mercado. Por outro lado, algumas entrevistas apontam que os estabelecimentos comerciais surgidos nos anos 1990 em Goiânia já não se pautavam mais pela relativa invisibilidade, sendo abertamente concebidos como “GLS” (gays, lésbicas e simpatizantes) ou “gays” (Braz, 2012). Nesse sentido, são representativos os relatos acerca da criação de uma boate “GLS” que ficou muito famosa em Goiânia. Trata-se da JUMP – the house of fun. A casa, criada em 1996 – mesmo ano, portanto, da manifestação política acima destacada -, funcionou durante quase 10 anos no Setor Oeste (região da cidade considerada “nobre”).

Assim, enquanto os primeiros bares da cidade voltados para lésbicas e, particularmente, gays são retrospectivamente vistos por empresários/as e frequentadores/as como “precários”, “afastados”, “escondidos”, não “assumidamente GLS”, tendo sido muitas vezes “ocupados” por “homossexuais” à revelia de seus/suas donos/as, a segunda metade da década de 1990 marca não apenas o surgimento do movimento LGBT, como a criação de estabelecimentos comerciais em Goiânia que não só ganhavam inteligibilidade num contexto de reivindicação de direitos, mas também de certa “mercantilização” em torno das homossexualidades por parte do, agora, mercado “GLS”.

---

<sup>8</sup> Trata-se de um projeto coletivo, intitulado “Memórias, Margens, Mercados: um estudo sobre locais “GLS” em Goiânia”. Ele foi iniciado em julho de 2011 e conta com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG).



Nosso pressuposto aqui, a partir de pesquisas sócio-antropológicas já realizadas em outros contextos metropolitanos no Brasil (França, 2006 e 2010; Facchini, 2008; Gregori, 2010; Fry, 2002; Braz, 2010), é o de que a interpretação dos processos de constituição de categorias identitárias em torno das homossexualidades pode ser complexificada ao levarmos em consideração não apenas a atuação dos movimentos sociais voltados a essa população, mas também as dinâmicas relativas ao mercado.

Assim, é possível aproximar tanto os lugares comerciais gays ou “GLS” quanto o movimento social LGBT em Goiânia de meados dos anos 1990 ao menos em dois sentidos. Em primeiro lugar, no que diz respeito às dificuldades encontradas para sua criação. Tal processo constituinte, se seguramente não foi fácil para o movimento social, também foi bastante conturbado para os/as empresários/as – as entrevistas realizadas com eles/as estão repletas de falas que apontam para uma série de resistências à criação de bares ou boates “GLS” na cidade (especialmente em bairros mais centralizados ou valorizados, como os da Região Sul da cidade), que vão de entraves para a obtenção de alvarás, batidas policiais infundadas, abaixo-assinados realizados por vizinhos que não queriam “morar ao lado de bares ou boates gays”, até a depredação e vandalização desses lugares, como exemplificam as narrativas sobre episódios de tijolos ou ovos atirados em suas portas, por exemplo. Em segundo lugar, as aproximações entre mercado e movimento também podem ser pensadas pelo fato de que, a partir dos anos 1990, ambos passam a atuar no sentido de promover tanto certa “visibilidade positiva” em torno das homossexualidades quanto a criação de categorias identitárias em torno das homossexualidades. Nesse contexto, diferentemente das décadas anteriores, o mercado “GLS” local deixa de ser percebido, pelos/as entrevistados/as, como relativamente precário e invisível. E passa a atuar no sentido de certa “glamourização” das homossexualidades<sup>9</sup>.

Por meio da análise das entrevistas com militantes, foi possível, contudo, perceber algumas ambivalências a respeito do mercado “GLS” e suas relações com as demandas do movimento LGBT. Se muitas vezes ressaltou-se que os bares, boates e outros estabelecimentos comerciais são importantes para tal população, na medida em

---

<sup>9</sup> Nesse sentido, o interesse se volta para a atuação de marcadores sociais de diferença que operam na constituição do público destes estabelecimentos, na atualidade. Um exemplo pode ser pensado pela relativa exclusão de travestis e transexuais dos lugares de lazer, ou por certa prevalência de espaços voltados para homens, como bares, boates, saunas ou cinemas pornô. Essa é uma questão que se pretende trabalhar na investigação mencionada, à luz das falas de empresários/as e frequentadores/as, bem como da observação de campo.

que permitem a expressão de afetos e o estabelecimento de amizades em um contexto sociocultural ainda bastante marcado pela homofobia, por outro lado, afirmou-se várias vezes que a luta política deveria ser pela possibilidade de circulação de pessoas LGBT em todos os espaços: comerciais ou não, “GLS” ou não. Apesar disso, muitos/as entrevistados/as ressaltaram a importância de parcerias com estabelecimentos comerciais para ações e demandas do movimento LGBT no estado, a despeito do fato de que, tradicionalmente, esse apoio é sempre pequeno. Nesse contexto, destacaram sobretudo as Paradas do Orgulho, como momentos especiais em que tais aproximações se materializam – muito embora houvesse falas críticas apontando que o grande problema é que elas se restringem a esses períodos. Tal restrição se dá, para os/as sujeitos/as entrevistados/as, seja pela falta de apoio por parte dos/as empresários/as às organizações e grupos da sociedade civil que lutam em prol da população LGBT, seja pelo fato de que o próprio movimento LGBT local não se apropria estrategicamente do mercado, propondo atividades e parcerias. Cabe ressaltar que tais ambivalências aparecem também nas entrevistas realizadas com proprietários/as entrevistados/as para a pesquisa em andamento.

De 1996 para cá, a Parada do Orgulho LGBT realizada anualmente em Goiânia cresceu em proporções, a despeito das intensas dificuldades materiais e logísticas enfrentadas por um grupo reduzido de ativistas responsável pela organização dos eventos. No dia 05 de setembro de 2010, por exemplo, 14 anos após o acontecimento citado na Praça Cívica, a XIV Parada do Orgulho LGBT de Goiânia trazia o slogan “Nosso voto, nossa força, por um Brasil sem Homofobia”. Com concentração no Bosque Botafogo (localizado no Setor Central), reuniu aproximadamente 70 mil pessoas, tendo contado com apoio de algumas casas noturnas, que traziam animados carros alegóricos seguidos pela multidão pelas ruas da capital. Talvez não seja demais dizer também que, em muitos momentos, a organização das paradas foi objeto, ao longo dos anos, de intensas disputas de poder entre grupos e lideranças, que buscavam o protagonismo na organização das atividades e na relação com o Poder Público.

### **“A menor cidade do mundo a ter uma Parada”**

A exemplo do que acontece em Goiânia, e seguramente com dificuldades redobradas diante do conservadorismo local, ativistas do movimento LGBT do interior de Goiás têm buscado parcerias para a realização das Paradas do Orgulho LGBT em

suas cidades. Tal processo iniciou-se na primeira metade dos anos 2000 e contou com apoio de ativistas de grupos da capital, especialmente as vinculadas ao Projeto Somos:

[o que viabilizou que a Parada de Ceres de 2005 ocorresse?]

Foi um projeto. Na época foi o Somos, a gente estava até no Projeto Somos e a AGLT resolveu, devido a essa interiorização do movimento, resolveu escrever um projeto pro Ministério da Saúde, Ministério da Cultura onde eles queriam fazer as paradas, as três paradas nas cidades do interior, né? Então, foi viabilizado via AGLT. (...) Eles deixaram a gente realmente fazer a nossa Parada de acordo com a cara da nossa cidade e de acordo com o que a nossa cidade comportava. Isso eu achei muito interessante porque eles não optaram em nada, eles deixaram a gente fazer. Então, foi graças a eles que esse projeto fluiu. (Ativista).

A despeito de alguma controvérsia quanto à primeira cidade do interior de Goiás que teria realizado uma parada do orgulho LGBT, a maioria dos/as entrevistados/as da pesquisa afirma que foi em Quirinópolis, em 2004. Eventos similares ocorreram posteriormente em Caldas Novas, Anápolis e Ceres, no ano de 2005. Em Valparaíso e Jataí, as Paradas do Orgulho LGBT acontecem desde 2006. Em 2009, foram realizadas Paradas LGBT em Planaltina de Goiás e Aparecida de Goiânia. Já em Senador Canedo, a primeira Parada ocorreu em 2010.

Para nosso propósito aqui, chama a atenção o quanto os/as entrevistados/as do interior do estado, quando questionados/as acerca das principais conquistas do movimento LGBT em suas cidades, frisaram em primeiro lugar – e quase exclusivamente – a realização das Paradas do Orgulho.

Marcante pra gente aqui em Anápolis foi a primeira Parada LGBT, pelo menos pra mim, né, que a gente não esperava o público que teve. E, assim, a gente, a primeira mesmo, a gente, acho que não soube trabalhar e aí a gente fez uma movimentaçãozinha lá na praça e chamou atenção de algumas pessoas. Agora, a primeira que a gente considera mesmo, que foi, teve um grande número, foi pra mim emocionante, porque eu não esperava ter aquele público todo. É... isso foi a primeira Parada LGBT que nós realizamos seminário e tal, eu não esperava que aqui em Anápolis a gente fosse conseguir alcançar. (Ativista).

Ah, o marcante, no caso de Jataí, foi a realização dessa, da primeira Parada em 27 de julho de 2006. Foi marcante, as pessoas não esqueceram aquilo. Nós, enquanto organizadores, nós tivemos um medo enorme da reação das pessoas. (...) Inclusive eu fiz questão de fazer matérias pra jornais na época com fotos mostrando é... famílias, o pai, a mãe e filhos assistindo a shows artísticos na Parada e com depoimentos de pais de famílias hétero dizendo que adoraram, acharam interessante. (Ativista).

Assim, se os/as entrevistados/as do interior ressaltaram que há muitas continuidades nos processos de exclusão social que impedem a cidadania de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais<sup>10</sup> em Goiânia e no interior do estado, ao mesmo tempo ressaltam o quanto algumas iniciativas do movimento LGBT local, como a realização das Paradas do Orgulho e outras manifestações em prol da visibilidade, reverberam positivamente nas condições de vida para a população LGBT, incidindo em processos, ainda que lentos, de mudança, mesmo em municípios muito pequenos, em termos populacionais e econômicos.

Eu sempre gosto de frisar, a gente foi a menor cidade do mundo a fazer uma Parada Gay, entendeu? E isso foi até registrado pela G Magazine na época, né? A menor cidade do mundo a fazer uma Parada Gay (Ativista)

### **Considerações finais**

Neste trabalho, exploramos algumas ambivalências por meio da interpretação de narrativas de ativistas do movimento LGBT goiano e sobre as Paradas do Orgulho, que ocorrem em Goiânia desde 1996 e, em cidades do interior, desde a primeira metade dos anos 2000, buscando contextualizá-las localmente.

Desde meados dos anos 1990, o movimento LGBT brasileiro faz-se bastante visível por meio da organização de manifestações de rua, conhecidas como “Paradas do Orgulho LGBT”, que hoje reúnem milhões de pessoas ao longo do ano, em centenas de eventos realizados em diversas cidades, inclusive onde os grupos de ativismo possuem

---

<sup>10</sup> Muito embora tenhamos em mente que tais processos atuam de maneiras distintas em função de cada uma dessas categorias identitárias.

níveis de institucionalização incipientes. A cidade de São Paulo hoje abarca a maior Parada do mundo, em número de participantes, o que estampa as manchetes dos principais veículos de comunicação do país. É nesse contexto que se constata a existência de um forte debate, inclusive entre ativistas, acerca do caráter “político” versus o caráter “festivo” dessas paradas. Por um lado, há críticas severas ao fato de talvez serem manifestações públicas excessivamente dionisíacas, que em muito se aproximam de “carnavais fora de época”, que não conseguem transformar a visibilidade pública em ações políticas concretas, como a aprovação de projetos de lei, a eleição de parlamentares comprometidos/as com questões LGBT ou a efetiva implementação de políticas públicas de combate à homofobia em áreas consideradas muitas vezes prioritárias, como educação, saúde e segurança. Por outro, é inegável a clara dimensão política decorrente do questionamento de determinadas convenções sociais hegemônicas que a saída às ruas, em plena luz do dia, de dezenas de milhares de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, e não apenas nas grandes metrópoles (ou, especialmente, em pequenas cidades), pode acarretar, ao positivar expressões sexuais e de gênero construídas historicamente como anormais e abjetas (Butler, 2003). O debate persiste, e depende em certa medida da maneira como se conceitua o que é ou não “política”.

### **Referências bibliográficas**

BOURDIEU, Pierre. “O campo científico”. In: ORTIZ, Renato (org.). *Bourdieu – Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983, p. 122-155.

BRAZ, Camilo. *À Meia-Luz – uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos*. Tese de Doutorado, Ciências Sociais. Campinas: UNICAMP, 2010.

\_\_\_\_\_. “De Goiânia a “Gayânia”: notas sobre o surgimento do mercado “GLS” na capital de Goiás”. Trabalho apresentado na 28ª RBA (Reunião da Associação Brasileira de Antropologia). São Paulo: ABA, 2012.

BRAZ, Camilo ; MELLO, Luiz ; JESUS, Bento M. ; AMARAL, Custódia Selma S. ; MAROJA, Daniela ; CORREA, Débora ; FREITAS, Fátima Regina A. ; MATOS, Fernando ; CHAVES, H. G. ; ARANTES, J. E. . *Movimentos sociais, direitos humanos e cidadania: um estudo sobre o movimento LGBT em Goiás*. 2011. (Relatório de pesquisa).

BRAZ, Camilo; MELLO, Luiz; PERILO, Marcelo; MAROJA, Daniela. “Para além das fronteiras: parcerias e tensões em torno da construção da cidadania na perspectiva do movimento LGBT em Goiás”, 2012 (no prelo).

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FACCHINI, Regina. “Entre compassos e descompassos: um olhar para o “campo” e para a “arena” do Movimento LGBT brasileiro”. *Revista Bagoas*, n. 04. Natal: UFRN, 2009, p. 131-158.

\_\_\_\_\_. *Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidade e diferenças na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Campinas: IFCH/Unicamp, 2008.

FRANÇA, Isadora Lins. *Cercas e pontes. O movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo*. Dissertação de mestrado, Antropologia Social. São Paulo: USP, 2006.

\_\_\_\_\_. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: Unicamp, 2010.

FRY, Peter. Estética e política: relações entre “raça”, publicidade e produção da beleza no Brasil. In: Goldemberg, Miriam (org.). *Nu e vestido – dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GREGORI, Maria Filomena. *Prazeres perigosos – erotismo, gênero e limites da sexualidade*. Tese – Livre Docência. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: Unicamp, 2010.

JESUS, Jaques Gomes de. *O protesto na festa: política e carnavalização nas Paradas do Orgulho de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT)* [Tese de Doutorado]. Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasil, 2010.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade – identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2009.